

## QUANDO SE REÚNEM PROFESSORES DE EDUCAÇÃO BÁSICA: A DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA E O POTENCIAL FORMATIVO

*Mauren Lúcia Tezzari*

*Mayara Costa Da Silva*

### RESUMO

O estudo, de abordagem qualitativa, objetiva analisar de que maneira os registros cotidianos de um grupo que se reúne com o mote de inovar e reinventar as práticas pedagógicas pode constituir-se como formativo. O “grupo de práticas” forma-se a partir da aprovação de um projeto no programa Observatório da Educação e é integrado por professores de educação básica envolvidos em contextos de inclusão escolar. Os docentes reúnem-se com o objetivo de reinventar suas práticas pedagógicas a partir do desenvolvimento de um plano de ação inovador em seus contextos de trabalho, em escolas públicas de educação básica. A pesquisa foi desenvolvida com base na análise de atas elaboradas a partir das reuniões do grupo ocorridas em seu primeiro ano de existência e, torna-se possível perceber que esses documentos destacam-se como possibilidade formativa, pois oferecem ao grupo a oportunidade de olhar para si, de forma que se apreendam como coparticipantes na constituição da trajetória analisada. A partir da análise, emergiram três eixos: abertura, reflexão e planificação. As atas como documentação pedagógica tornam-se formativas na medida em que é oferecido espaço para sua retomada, possibilitando a revisitação do que já passou, mas também uma visualização de futuro, ou seja, novos objetivos.

**Palavras-chave:** documentação; formação; práticas pedagógicas; inclusão escolar.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo surge a partir da constituição de um grupo de trabalho intitulado Grupo de Práticas. O grupo em questão envolve prioritariamente bolsistas professores de educação básica<sup>1</sup> que se reúnem com o objetivo comum de elaborar e desenvolver planos de

---

<sup>1</sup> Por exigência da Capes: “são docentes em efetivo exercício em sala de aula ou profissionais que exerçam a função de coordenador ou supervisor pedagógico na Rede Pública de Educação Básica”. Os bolsistas inseridos

inovação educacional a partir de suas práticas pedagógicas envolvendo a inclusão escolar no estado do Rio Grande do Sul e passa a tomar forma no ano de 2013, diante da aprovação de um projeto específico no âmbito do Programa Observatório da Educação (OBEDUC), iniciativa constituída por meio de uma parceria entre CAPES<sup>2</sup>, INEP<sup>3</sup> e SECADI<sup>4</sup>.

O Grupo de Práticas constitui-se atualmente de um total de nove pessoas – seis professores bolsistas de Educação Básica, um doutorando, uma professora voluntária de uma rede privada de ensino e uma professora voluntária de uma rede estadual de ensino – todos envolvidos com a temática da inclusão escolar e que se reúnem semanalmente, com vistas a discutir e refletir sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas no âmbito de seus contextos escolares. O grupo conta ainda com uma coordenadora, a qual também é bolsista professora de educação básica.

Assim, diante do desenvolvimento de um plano de ação inovador, no âmbito do grupo de práticas, passamos a perceber, nos entremeios das discussões, trocas e experiências compartilhadas, o potencial formativo oferecido por essa reunião de professores que buscam, de alguma forma, reinventar o cotidiano escolar que integram. A partir disso, passamos a nos dedicar, então, a pensar também os registros documentais que vêm se constituindo ao longo do trabalho do grupo. Nesse sentido, a presente pesquisa tem como objetivo principal apresentar uma investigação acerca do potencial formativo, não apenas a partir do grupo que se reúne, mas tomando como base também a documentação pedagógica construída, elegendo, a seguinte questão norteadora: *De que maneira os registros cotidianos de um grupo que se reúne com o objetivo de inovar e reinventar as práticas pedagógicas pode constituir-se como formativo?*

Para tanto, pautamo-nos em uma perspectiva qualitativa de investigação, a qual foi desenvolvida a partir da análise documental de registros constituídos em cada uma das reuniões, denominados “atas”, as quais foram construídas semanalmente e que documentam detalhadamente a trajetória do grupo pesquisado, tomando como referência o primeiro ano de sua existência, por considerar esse período como constitutivo da identidade coletiva do mesmo.

---

nesse projeto têm como principal função o desenvolvimento de um plano de ação inovador no âmbito da instituição que integram.

<sup>2</sup> CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

<sup>3</sup> INEP: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

<sup>4</sup> SECADI: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão.

## **SOBRE O GRUPO DE PRÁTICAS**

O grupo de trabalho denominado Grupo de Práticas faz parte de um projeto mais amplo, aprovado no âmbito do Programa Observatório da Educação e que envolve as políticas de inclusão escolar e o atendimento educacional especializado. O grupo que integra tal projeto, na sua totalidade, é composto por pesquisadores, alunos da pós-graduação (mestrado e doutorado), alunos de graduação (bolsistas de iniciação científica) e professores da Educação Básica. A partir da aprovação do projeto, constitui-se então o *Grupo de Práticas*, um subgrupo de trabalho, integrado prioritariamente pelos bolsistas professores de Educação Básica.

Segundo a portaria 152 de 2012, que aprova o regulamento do Observatório da Educação, constituem-se como funções prioritárias do bolsista professor de Educação Básica:

- a) desenvolver estudos e pesquisas, tendo em vista os objetivos do projeto aprovado no Edital do Programa OBEDUC;
- b) elaborar uma proposta inovadora de ensino/aprendizagem na área ou disciplina em que atua ou em aspectos da vida escolar e, preferencialmente, na escola em que está lotado ou em escolas que mantenham relação com o projeto de pesquisa financiado pelo Programa OBEDUC;
- c) realizar registro e sistematização da proposta desenvolvida na alínea ‘b’<sup>5</sup>, inciso III deste artigo. (BRASIL, 2012, p. 17).

O Grupo de Práticas, como mencionado anteriormente, é formado, neste momento, por um total de nove pessoas que se reúnem semanalmente, com vistas a discutir e refletir sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas no âmbito de seus contextos escolares.

Tabela 1 - Relação das dependências administrativas nas quais se inserem esses professores

<b>Dependência Administrativa</b>			
<b>Municipal</b>	Estadual	Privada	Federal
<b>6</b>	1	1	1

Fonte: as autoras.

<sup>5</sup> “Desenvolver estudos e pesquisa em conformidade com a proposta de projeto aprovada no edital do Programa OBEDUC.” (BRASIL, 2012, p. 16).

Percebe-se que a maior parte dos professores que integra o Grupo de Práticas atua na rede pública de ensino. Dentre esses, há docentes que atuam na regência de sala de aula, há os que se ocupam da gestão escolar, supervisão e coordenação e duas são professoras de Salas de Recursos, onde desenvolvem o AEE<sup>6</sup>, oferecido aos alunos público alvo da educação especial.

A discussão que relaciona a qualificação das práticas pedagógicas e os contextos de inclusão escolar mostra-se necessária quando observamos os dados referentes às matrículas dos alunos considerados público alvo da educação especial. De acordo com as informações fornecidas pelo censo escolar da Educação Básica de 2013<sup>7</sup>, levando em consideração o contexto nacional, as matrículas de alunos com deficiência em escolas regulares têm aumentado gradativamente, e o decréscimo dessas matrículas em espaços especializados – classes ou escolas especiais – também vem ocorrendo.

Assim, diante da significativa ampliação dessas matrículas no ensino regular, um dos possíveis efeitos de um movimento de investimento em uma política pautada na perspectiva da educação inclusiva, é a ênfase na necessidade de um olhar mais atento às práticas pedagógicas dirigidas a esse alunado, buscando garantir que haja, de fato, articulação entre os professores do atendimento educacional especializado e aqueles do ensino regular, priorizando uma atuação colaborativa.

Segundo Almeida e Martins (2009):

Dar conta da multiplicidade que cerca o cotidiano da prática educativa requer pensarmos em uma organização escolar que contemple a cooperação e o trabalho em equipe, com vistas à reflexão e reconstrução do espaço educacional. É preciso que a escola organize seu trabalho pedagógico e nele inclua, como ponto essencial, um espaço sistematizado para que os professores e outros profissionais se encontrem para analisar e recriar sua prática. (ALMEIDA; MARTINS, 2009, p.25).

Evidencia-se, dessa forma, a necessidade de lançarmos nosso olhar e refletirmos acerca das práticas pedagógicas de modo que possamos pensá-las articuladas a processos formativos, priorizando a formação de um professor que seja capaz de olhar e refletir sobre sua ação, com vistas a transformar as lógicas de ensino (JESUS, 2006).

A fim de desenvolver planos de ação inovadora, o grupo iniciou suas atividades buscando construir a base teórica sobre a qual os projetos seriam desenvolvidos. Durante esse movimento de leituras e reflexões, esse coletivo elencou, ainda no início de sua trajetória, três

---

<sup>6</sup> Atendimento Educacional Especializado

<sup>7</sup> Informações acessadas pelo portal do INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

conceitos organizadores: inovação, cotidiano e necessidade. Os três conceitos articulados compõem, dessa forma, um eixo norteador que envolve: inovar no âmbito de seus cotidianos de trabalho a partir das necessidades percebidas.

No processo de desenvolvimento das propostas inovadoras, institui-se o acompanhamento dos planos de ação, oferecendo a possibilidade de planejar, avaliar e refletir em companhia, em cooperação. As discussões giram, ainda, em torno de referenciais que possam embasar o desenvolvimento dos referidos planos de ação.

É possível afirmar, com base na organização do grupo, a percepção de dois eixos prioritários, ambos associados àquilo que o coletivo percebe como necessário: o acompanhamento dos projetos e o aprofundamento teórico-conceitual. Dessa forma, as dinâmicas organizam-se conforme a necessidade do coletivo, sem uma organização previamente estabelecida de forma rígida, ou seja, a partir daquilo que o grupo avalia como prioritário. Além disso, ao final de cada ano, os professores reúnem-se com vistas a avaliar a trajetória, destacar pontos importantes para a continuidade e elaborar um relatório-síntese anual.

Do período compreendido entre 2013 e 2014, primeiro ano de existência do grupo, decorrem as atas analisadas, sendo que houve 27 encontros. O grupo mantém as reuniões semanais, no turno da noite, na Faculdade de Educação da Universidade.

Os planos de ação desenvolvidos giram em torno de diferentes necessidades observadas no contexto dos docentes e envolvem, prioritariamente, temáticas que se relacionam com a inclusão escolar.

Atualmente, em 2016, o grupo completa três anos de existência. Considera-se, diante da trajetória percorrida, a importância de retomar os movimentos que caracterizaram o seu primeiro ano, tomando como referência, primordialmente, a análise das atas elaboradas nesse período, a fim de refletir acerca do percurso traçado e alinhar pistas a partir da proposta do presente artigo.

## **ATAS COMO INSTRUMENTOS DE DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA**

Como destacado, entre os instrumentos metodológicos possíveis, optou-se pela análise documental. Essa escolha levou em consideração as atas, que oferecem indícios acerca dos movimentos traçados pelo Grupo de Práticas desde sua origem. O processo de registro por

meio das atas inicia-se junto com o grupo e, assim, a análise foi realizada sobre os 27 documentos<sup>8</sup> decorrentes do primeiro ano de existência do grupo (2013). Esses registros constituem-se como documentação pedagógica, procurando superar a dimensão burocrática normalmente associada ao termo *ata*.

Ao buscarmos a etimologia da palavra (CUNHA, 1986), encontramos: Ata: do latim *acta* – *orum*: coisas feitas. Relação ou memorial de fatos ocorridos. Registro escrito no qual se relata o que se passou numa sessão, congresso, etc.

Historicamente a ata é um documento formal, muitas vezes oficial, utilizado para registrar diferentes tipos de reuniões, em contextos diversos, mas sempre tendo como ponto comum tratar de um momento significativo que merece, ou até necessita, ser devidamente registrado.

No caso dos documentos elaborados nos encontros do grupo de práticas, foi definido por seus integrantes, que se denominariam atas, já antevendo a importância dos mesmos nesse processo. Ao mesmo tempo, a ideia não era que se constituíssem como documentos formais ou como meros relatórios do que havia se passado em cada reunião. Seguindo a lógica que norteia as ações do grupo, essas “atas” viriam para atar, costurar, amarrar bases teóricas, práticas, discussões e reflexões, que perpassam permanentemente esse fórum.

As atas foram produzidas como registros narrativos minuciosos de cada uma das reuniões. Dessa forma, as pessoas que as escreveram<sup>9</sup> foram orientadas a especificar, tanto quanto possível, os movimentos que perpassavam o cotidiano dos encontros. Assim, cada um desses documentos tem, em média, de 2 a 4 páginas, onde é detalhado, a partir das descrições das falas que compunham as discussões, o percurso do Grupo de Práticas.

Assim, compreendemos esses documentos como registros do cotidiano, inserindo-os naquilo que Dahlberg, Moss e Pence (2003, p.201) destacam como “um processo de aprendizagem, mas também como um processo de comunicação”, tendo em vista que, ao retomar as atas, além de estarmos (re)lendo aspectos vividos no âmbito do grupo, estávamos aprendendo sobre aquele contexto e os sujeitos que o constituem.

---

<sup>8</sup> Decidiu-se pela análise das atas decorrentes do primeiro ano de existência do Grupo de Práticas em razão de o grupo estar, durante esse período, constituindo-se como coletivo. Considera-se que, durante o ano de 2013, o Grupo de Práticas estava em um processo de autoaprendizagem disparado pela organização e pela construção que então envolvia os integrantes e influenciaria os próximos direcionamentos definidos. Diante disso, priorizou-se a análise das atas produzidas nesse primeiro ano.

<sup>9</sup> As atas foram elaboradas por três estudantes de graduação que, no ano de 2013, participaram do Grupo de Práticas na condição de bolsistas de iniciação científica. As atas eram escritas no momento da reunião, posteriormente digitadas e repassadas para a coordenadora do grupo, que ficava responsável pela revisão e compartilhamento via e-mail com os integrantes do grupo.

Compreendemos o conceito de comunicação aqui destacado com base no modelo orquestral, associado ao pensamento sistêmico e às ideias de Gregory Bateson. Segundo Winkin (1998, p.34), essa percepção envolve “ver na comunicação o fenômeno social que o primeiro sentido da palavra traduzia muito bem, tanto em francês, quanto em inglês: o pôr em comum, a participação, a *comunhão*”. A comunicação, dessa maneira, em nossa concepção, associa-se a um processo de coparticipação e compartilhamento que considera o todo, ou seja, ainda segundo Winkin (1998, p.14): “o ator social participa dela não só com suas palavras, mas também com seus gestos, seus olhares, seus silêncios...”

Maselli e Zanelli (2013, p.107) esclarecem que:

Para uma escola ou um serviço [**ou grupo de trabalho**], documentar vem a ser uma oportunidade para: revisitar uma história que é individual e coletiva; alimentar o diálogo com os próprios interlocutores, desencadear uma reflexão sobre o presente; socializar as experiências; abrir caminho para processos de pesquisa. [grifo nosso] (MASELLI e ZANELLI, 2013, p.107, tradução nossa)

Segundo Dalhberg (2016), a documentação pedagógica envolve, ainda, o processo de tornar o trabalho pedagógico passível de ver, ou seja, conforme afirma a autora, ao documentar e tornar esse registro acessível, estamos tornando possível o processo de “olhar para o outro”:

Expresso de maneira mais simples, a documentação pedagógica é o processo de tornar o trabalho pedagógico (ou outro) visível ao diálogo, interpretação, contestação e transformação. Ela incorpora os valores da subjetividade – de que não existe ponto de vista objetivo que torne a observação neutra. (DALHBERG, 2016, p. 229).

Portanto, além de comunicar algo, as atas, como documentação pedagógica, guardam uma memória que não pode ser vista como neutra. Nesse sentido, segundo Marques e Almeida (2012), o conceito de documentação pedagógica pode ser entendido como “sistematização do trabalho pedagógico, produção de memória sobre uma experiência, ação que implica a seleção e a organização de diferentes registros coletados durante o processo [...]” (MARQUES; ALMEIDA, 2012, p.445).

Em suma, podemos afirmar que a documentação pedagógica é constituinte da memória que o grupo vem construindo ao longo de seus três anos de existência, de forma que nos oferece pistas sobre a trajetória traçada.

A documentação pedagógica também é vista como formativa – para quem a constrói e para quem se propõe a explorá-la –, de forma que, para o leitor, as atas oferecem um processo de retomada, avaliação e reflexão:

A documentação como elaboração da experiência que faz emergir o sentido do vivido, o conhecimento do processo e a identificação do referencial teórico-metodológico da ação. Documentar não apenas como narração, mas como explicitação de conceitos-chave, escolhas metodológicas; em síntese, um processo de formação. (MARQUES; ALMEIDA, 2012, p.446).

Compreendemos, dessa maneira, a importância da documentação pedagógica como um processo que se propõe a comunicar, registrar, constituir e guardar uma memória, bem como formar. Possibilita a recuperação, a escuta e a reelaboração da experiência por meio da narração do trajeto realizado, além da explicitação de pressupostos das escolhas que foram realizadas.

Em consideração à importância desse material de registro, as atas foram analisadas a partir de leituras sistemáticas em que se buscou identificar os pontos emergentes, constituindo-se em eixos de análise.

O processo de documentar oferece ainda a possibilidade de dar visibilidade a um trabalho construído. No caso do Grupo de Práticas, as atas narram um processo de constituição e, nesse sentido, podem ser compreendidas como orientadoras de um percurso futuro, pois oferecem:

[...] um conhecimento abundante e enriquecido pelas contribuições de muitos. Nesses fragmentos (imagens, palavras, sinais e desenhos) existe o passado, aquilo que já ocorreu, mas também existe o futuro (ou melhor, aquilo que pode vir a acontecer se...). (RINALDI, 2012, p. 131).

Dessa forma, destacamos a importância da (re)leitura do vivido também como possibilidade de planejamento em relação aos próximos passos do coletivo, pois tal exercício possibilita a avaliação e a reflexão acerca do percurso construído.

## **ANÁLISE: A DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA COMO POTENCIAL FORMATIVO**

O processo de documentar envolve várias escolhas, como o que será registrado, de que forma, quando, seu intuito e a quem se destina. A partir desse processo, é possível refletir sobre a ação que vem sendo desenvolvida, as concepções teóricas que a sustentam, retomar,

reformular, qualificando as diferentes ações pedagógicas desenvolvidas pelos integrantes do Grupo de Práticas individualmente, além das atividades do próprio grupo.

Nas palavras de Dahlberg (2016),

[...] quando documentamos, devemos tentar escutar aquilo que se quer fazer ouvido. Isso implica uma escuta que nos leve além da tendência em termos de pensar “ou isso ou aquilo”(destaques da autora). É uma escuta confiante e afirmativa que recepciona uma infinidade de respostas possíveis. (p.229)

As atividades desenvolvidas no grupo de práticas ocorrem fundamentalmente em dois sentidos: o desenvolvimento de um aprofundamento teórico e a elaboração/ reelaboração dos planos de ação inovadora. Ambos os movimentos encontram-se entrelaçados: a teoria fundamenta os planos e o desenvolvimento desses impulsiona a busca teórica.

Ao retomarmos as “atas” do referido grupo, é possível identificar esse movimento que ocorre permanentemente. Emerge também, com clareza, a presença de uma postura de escuta e de colaboração em relação à construção e ao desenvolvimento de cada plano, bem como da fundamentação teórica que sustenta a atividade do grupo.

A elaboração do relatório ao final do ano é outro ponto merecedor de destaque em relação ao seu potencial formativo. Para isso toda a documentação construída ao longo do ano é retomada. Porém, não se trata de mera releitura a fim de listar as atividades realizadas. Nessa releitura, acontece um processo de reflexão a respeito da trajetória do grupo ao longo do ano, o que permite avaliar o que já se passou e projetar movimentos futuros. Essa projeção futura é também aspecto de grande importância, uma vez que é o que possibilita a continuidade das atividades/caminhada desse grupo de professores-pesquisadores da educação básica.

É possível afirmar que esse movimento de retomada acontece em um processo constante de retroalimentação. A ideia de *retroalimentação* relaciona-se à percepção de revisitação permanente dos conceitos, ideias e discussões do grupo, de forma que, a cada vez que se revisita o que já foi trabalhado nas reuniões, acontece uma autoavaliação e uma reelaboração. Dessa forma, em um movimento em espiral, o grupo também vem reelaborando suas práticas.

O conceito de retroalimentação (ou feedback), associado ao pensamento sistêmico, envolve a constituição e os efeitos causais em um sistema. O processo de retroalimentação envolve todo o sistema, no qual cada elemento que o compõe tem efeito sobre o próximo. O último elemento, em um movimento circular, afeta o primeiro, o que resulta em uma reorganização de todo o sistema.

Para Capra (2006, p. 59), a retroalimentação “é um arranjo circular de elementos ligados por vínculos causais, no qual uma causa inicial se propaga ao redor do laço, de modo que cada elemento tenha efeito sobre o seguinte.” Ao retomarmos esse conceito, pensando a reorganização dos saberes dos professores, podemos refletir um movimento causal no qual os saberes não se sobrepõem uns aos outros, mas se reconstituem a partir dos novos (ou novas entradas) em uma espécie de grande espiral, autorregulando o sistema como um todo.

Destacamos a ideia de construção em espiral, pois, apesar do contínuo movimento circular, não retornamos para o mesmo lugar como em um círculo. Nesse sentido, apoiadas na ideia do processo de construção de conhecimento a partir do pensamento sistêmico, apostamos na percepção da dinamicidade que constitui o sistema (grupo).

As relações são fundamentais no processo de formação. O processo de formar-se em uma perspectiva de autoformação, por exemplo, aqueles conhecimentos que se constroem no âmbito de sala de aula quando o professor está atuando, ou mesmo para além desse espaço - nos momentos nos quais o professor se propõe a refletir sobre sua prática docente, seja por meio do planejamento, da escrita de um caderno de registros, da constituição de avaliações ou de reuniões pedagógicas - estratégias que não se caracterizam como propostas formais, mas que oferecem ao professor a constante oportunidade de “formar-se”, tais proposições constituem-se *pelos e nas* relações.

Dessa forma, ao perceber a constituição de atas como documentos narrativos que nos oferecem a possibilidade de retomar as discussões e aquilo que foi vivido pelo grupo, afirmamos que acontece um movimento de retroalimentação, a partir do qual, existe a possibilidade de reflexão e reelaboração, de forma que o sistema (grupo) passa a se reestruturar ou formar-se.

Partindo das ideias apresentadas por Humberto Maturana e Francisco Varela (2001), podemos afirmar que o processo de produção do conhecimento se dá em relação, ou seja, o processo de formar-se ocorre por meio da conexão com o outro.

Tardif (2013) afirma que o professor dificilmente atua na solidão, tendo em vista que sua ação docente se constitui, prioritariamente, na relação com seus alunos. O autor destaca ainda que a constituição da atividade docente ocorre “em uma rede de interações com outras pessoas, num contexto onde o elemento humano é determinante e dominante e onde estão presentes símbolos, valores, sentimentos, atitudes [...]”. (TARDIF, 2013, p.49).

Diante dessas reflexões, torna-se possível afirmar que o processo de retomada dos documentos denominados por nós de “atas” pode constituir-se como formativo, visto que o grupo envolvido nesse movimento traça objetivos de leitura e compromete-se com o ato de

refletir sobre aquilo que foi desenvolvido ao longo do ano no âmbito do coletivo. Assim, o processo de leitura desses documentos constitui-se também como um momento de reflexão e autoavaliação, e, na medida em que essas reflexões são partilhadas no âmbito do grupo, torna-se um processo compartilhado, ou seja, construído na relação com o outro, de maneira viva e aberta. A partir dessa retomada analítica, podemos afirmar a percepção de três eixos prioritários, os quais envolvem: a abertura, a reflexão e a planificação.

No eixo **abertura**, podemos destacar a estrutura desses documentos, que são constituídos de maneira aberta, ou seja, permitindo a inserção de novas informações quando necessário. Esse movimento também pode ser destacado como um elemento formativo, tendo em vista que, após ser revisada pela coordenadora do grupo, a ata é enviada para os demais integrantes, os quais podem sugerir inserções ou modificações.

Esse movimento de abertura para o olhar do outro torna-se formativo porquanto podemos percebê-lo em sintonia com o referencial teórico que sustenta as ações do grupo e que tem se pautado, prioritariamente, no referencial que orienta o pensamento sistêmico. Um dos conceitos que vem permeando sistematicamente as discussões desenvolvidas pelo grupo envolve as ideias de Humberto Maturana acerca da biologia do amor. Segundo o autor (2009), o conceito de amor está ligado ao social e abrange a percepção do outro como legítimo a partir da convivência. Dessa maneira, busca-se, a partir da constituição do grupo de práticas, oferecer voz a todos os envolvidos.

Além disso, os movimentos do grupo narrados nos documentos analisados também podem ser considerados como flexíveis, posto que, ao longo do primeiro ano, podemos observar a saída de alguns integrantes e entrada de novos, o que confirma a percepção da vida em constante movimento e transformação. A ata 3 anuncia a inserção de três novas integrantes, bem como a ata 6. Na ata 14, podemos observar a saída de uma das integrantes do grupo e, em contrapartida, a entrada de outras duas.

Na ata 14, também podemos observar o anúncio de uma entre tantas funções das atas. A professora Paulina<sup>10</sup> responsabiliza-se pelo envio das atas anteriores, vídeos e textos discutidos para as novas integrantes, professoras Ana Júlia e Luíza. Na ata 15, também é mencionado esse movimento e se afirma que “as atas dos encontros anteriores serão enviadas para os novos integrantes (para fins de contextualização)”.

A ata 8 também apresenta um elemento constituinte da trajetória do grupo e que se insere, ainda, no eixo de abertura e envolve a flexibilidade nos planejamentos pré-

---

<sup>10</sup> Todos os nomes são fictícios com vistas a proteger a identidade dos professores participantes.

estabelecidos: “A professora Janis, responsável pela apresentação nesse dia, não pôde estar presente. Os presentes optaram por retomar os relatos apresentados por Olavo e Ramona no encontro anterior [...]”. Torna-se importante olhar para esse movimento e para a sintonia que o mesmo guarda com as práticas de planejamento no contexto escolar, na medida em que buscamos defender a possibilidade de um roteiro aberto, flexível e passível de mudanças e transformações conforme as necessidades observadas.

O segundo eixo destacado envolve a ideia de **reflexão**, ou seja, a possibilidade de autoavaliação que as atas, ao serem revisitadas, oferecem aos professores, dado que carregam suas histórias, contextos, práticas e experiências compartilhadas. A professora Paulina, na ata 5, compartilha o caso de um aluno desvalorizado dentro da família. Os integrantes assistem e discutem um vídeo denominado “Zero”, e afirma-se que “em um mundo que julga pelo número, o vídeo nos mostra que, com determinação, coragem e amor, esse ‘nada’ pode ser realmente alguma coisa”. Discutem-se, então, as dificuldades que temos em nos colocar no lugar do outro.

Diante disso, podemos considerar as atas como documentação viva que, além de carregar uma trajetória compartilhada, permite, com base em sua construção e retomada, a possibilidade de olhar para si, abrindo espaço para um processo de autoavaliação, de revisão das práticas narradas, de reflexão e reinvenção das ações pedagógicas, ou seja, como afirma Rinaldi (2012), oferece a oportunidade única de:

tornar a escutar, ver e visitar (“reconhecimento”), individualmente ou com outros, eventos e processos nos quais foi coprotagonista, tanto direta quanto indiretamente. Essa revisão é a ocasião para interpretar os vários documentos produzidos, junto com nossos colegas, dando sentido aos eventos que aconteceram e, então criando significações e valores comuns. (RINALDI, 2012, p.112)

Nesse mesmo sentido, na ata 5, a professora Ramona apresenta, tomando como referência seu contexto de atuação,

a situação de uma menina com deficiência mental nos anos finais do ensino e sua invisibilidade em sala de aula, reforçando a necessidade de inovar no cotidiano. Onde o plano inovador não deve se restringir em obter resultados, mas sim, manter o foco no processo. (Ata 5)

A professora Ana Júlia também expõe suas angústias com destaque para a dificuldade de formar parcerias no âmbito do seu contexto de trabalho, apresentando as dificuldades de

articulação “e de contato com a supervisora do II e III ciclo<sup>11</sup>”. (Ata 14). Discutem-se, então, os entraves na relação com os professores do III ciclo, de forma que, segundo um dos integrantes, esses professores “geralmente têm uma postura diferente nas questões de disciplinas, adaptações e necessidade de trabalhar com os outros professores”. (Ata 14).

Esse movimento de explanação acerca de situações escolares cotidianas, recorrente no grupo de práticas, indica a importância de compartilhar com o outro e de poder, no âmbito do coletivo, pensar alternativas pedagógicas que nos impliquem e nos auxiliem a reinventar o cotidiano escolar, principalmente quando levamos em consideração os contextos de inclusão escolar.

As atas, no âmbito do grupo de práticas, podem ser consideradas, dessa forma, documentos construídos a muitas mãos, sendo produção do coletivo enquanto narrativa das trajetórias compartilhadas e que se estendem em uma rede muito maior e que vem estabelecendo elos entre Universidade e Escola de Educação Básica.

Por fim, podemos destacar, relacionada ao eixo **planificação**, a ideia de planejamento vinculada ao registro. Ao fim de todas as atas, podem-se observar combinados, objetivos e planejamentos para os próximos encontros. Na ata 25, ainda, é traçado um cronograma para os dois últimos encontros, os quais são dedicados à releitura das atas e à elaboração de um relatório de final de ano.

Além disso, sendo o subgrupo de trabalho ligado a um projeto maior, que envolve outros componentes de um grupo de pesquisa, houve também um movimento de planificação relacionado ao compartilhamento de ações com esse fórum ampliado. Em mais de um momento, é resgatada a importância desse movimento pendular, o qual promove espaços de integração e articulação entre os participantes do projeto como um todo no que diz respeito aos planos de ação inovadores desenvolvidos:

[...] foi realizado um resgate de sugestões feitas [...] sendo uma delas, a organização de uma apresentação para o grande grupo sobre os “planos inovadores” e que efeito tem tido esse projeto no cotidiano destes profissionais. (Ata 5).

Falou-se sobre a síntese para apresentação para o grande grupo [...] Dar retorno sobre o que está sendo elaborado como ação inovadora nas escolas nas quais os

---

<sup>11</sup> A professora se refere à estrutura existente nas escolas da rede municipal de ensino em que trabalha. Nessa rede o ensino fundamental se estrutura por Ciclos de Formação. São três ciclos, tendo cada um a duração de três anos. I Ciclo – alunos de 6 a 8 anos de idade; II Ciclo – alunos de 9 a 11 anos de idade; III Ciclo – alunos de 12 a 14 anos de idade, totalizando nove anos.

integrantes do grupo estão inseridos (aproximações, diálogos com as escolas com o intuito da aplicação da ação inovadora). (Ata 18).

A documentação por meio das atas tem permitido, assim, que o grupo trace combinações e objetivos futuros que podem ser retomados a qualquer momento. Segundo Rinaldi (2012), esses documentos nos oferecem a visualização do passado, mas também nos permitem contemplar o futuro. Dessa maneira, o grupo vem se organizando também a partir das atas, de forma que esses documentos tornam-se indicativos de novos caminhos e objetivos. Cabe destacar que esse processo não é linear, mas que se desenvolve tendo como elemento norteador as necessidades observadas pelo grupo que discute regularmente suas rotas e novos caminhos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao finalizarmos o presente texto, reafirmamos a importância que os documentos designados como atas tomaram para o grupo de práticas, tendo em vista que, além de constituírem-se como uma documentação viva, que carrega a trajetória de um coletivo de professores, que se reúne com o objetivo de reinventar as práticas pedagógicas no cotidiano escolar, puderam ser percebidas como possibilidade formativa na medida em que se insere nos eixos de abertura, reflexão e planificação, ou seja, esses documentos vêm possibilitando aos professores que integram o grupo de práticas, a autoavaliação e o replanejamento das rotas delineadas.

Nesse sentido, a partir do presente trabalho, objetivamos compreender de que maneira os registros cotidianos de um grupo, que se reúne com o objetivo de inovar e reinventar as práticas pedagógicas, pode constituir-se como formativo para os professores que o integram. É possível afirmar, a partir da análise realizada, que os registros sistemáticos desenvolvidos pelo grupo oferecem a possibilidade de formar-se na medida em que os integrantes enxergam-se a partir dessa documentação, ou seja, os registros apenas fazem sentido se há a participação efetiva do grupo no processo de documentar e refletem os diferentes movimentos ocorridos.

Além disso, a análise permite observar que a abertura da documentação, de forma a torná-la um instrumento de registro aberto e flexível, também contribui efetivamente para que este processo possa se constituir como possibilidade formativa para os integrantes do grupo

de práticas. As atas, como instrumento de contextualização, permitiram ainda que os integrantes que não puderam estar em determinadas reuniões estivessem atualizados e acompanhando os movimentos do coletivo.

Além disso, destaca-se como principal aspecto formativo percebido ao longo da análise do material o espaço para leitura e retomada desses documentos, o qual abre a possibilidade para reflexão e autoavaliação coletiva e individual e permite a leitura do passado. Ao mesmo tempo, viabiliza também projeções do futuro, conforme destaca Rinaldi (2012), uma vez que o grupo pode, além de avaliar suas ações, traçar novas rotas, aspecto salientado no processo de constituição de um relatório no final do ano.

Finalizamos a presente pesquisa enfatizando a importância da adoção da prática que envolve a documentação pedagógica, tomando-a como espaço de reflexão, inovação e planejamento, mas, prioritariamente, pensando-a como possibilidade formativa que evoca a experiência docente. Sabemos, conforme afirmam Barbosa e Fernandes (2012), que a adoção da prática de documentar não é tarefa fácil e envolve muitos desafios, porém, finalizamos com o convite para que possamos não apenas repensar nossas práticas pedagógicas, mas, principalmente, reinventá-las no âmbito do cotidiano escolar.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Mariangela Lima de; MARTINS, Ines de Oliveira Ramos. **Prática Pedagógica Inclusiva: a diferença como possibilidade**. Vitória: Gráfica e Editora, 2009.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; FERNANDES, Susana Beatriz. **Uma ferramenta para educar-se e educar de outro modo**. Revista Pátio. Jan-Mar 2012, número 30.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Portaria nº 152, de 30 de outubro de 2012** - Regulamento do programa Observatório da Educação (OBEDUC). 2012.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**. São Paulo, Editora Cultrix, 2006.

CUNHA, Antônio Geraldo da. [et al]. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2ª ed., 1986.

DAHLBERG, Gunila. **Documentação pedagógica: uma prática para a negociação e a democracia**. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George (Orgs.) *As cem linguagens da criança: a experiência de Reggio Emilia em transformação* (Vol 2). Porto Alegre: Penso, 2016.

DAHLBERG, Gunilla; MOSS, Peter & PENCE, Alan. **Documentação Pedagógica: uma prática para a reflexão e para a democracia.** In: Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas. Porto Alegre: Armed, 2003.

JESUS, Denise Meyrelles de. **Inclusão Escolar, Formação Continuada e Pesquisa-ação-colaborativa.** In BAPTISTA, Claudio Roberto (Org.). Inclusão e Escolarização: múltiplas perspectivas. Porto Alegre: Mediação, 2006. p.95-106.

MARQUES, Amanda Cristina Teagno Lopes; ALMEIDA, Maria Isabel de. A documentação pedagógica na abordagem italiana: apontamentos a partir de pesquisa bibliográfica. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 12, n. 36, p. 441-458, maio/ago. 2012.

MASELLI, Marina; ZANELLI, Paolo. **Gruppo di lavoro, riflessività e costruzione del contesto educativo.** Parma: Edizioni Junior. 2013.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana.** São Paulo: Palas Athena, 2001.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emília: escutar, investigar, aprender.** São Paulo: Paz e Terra, 2012.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis: Vozes, 2013.

WINKIN, Yves. **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo.** São Paulo: Papirus, 1998.